

A CRISTOLOGIA ORTODOXA DECLARADA NA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Zanone João de Oliveira¹

RESUMO:

A partir do século XVII, com a ascensão do movimento cultural chamado Iluminismo, a Teologia Cristã passou a ser alvo de duras críticas e rigorismo científico. Nessa época, inicia-se um processo de questionamento em torno da pessoa de Cristo, que, até hoje, é considerado como “a busca do Jesus Histórico”; essa denominação serviu de título à obra escrita por Albert Schweitzer, contendo um estudo crítico do referido processo. Tais fatos originaram um novo pensar teológico em torno de Jesus de Nazaré. No entanto, o embasamento insubstituível para a correta percepção de sua realidade continua sendo o ensino apostólico contido na Bíblia. Obter tal conhecimento é o objetivo da presente pesquisa exegética sobre a mais exaltada Cristologia do Novo Testamento: a Epístola aos Colossenses.

Palavras-chave: Paulo. Epístola aos Colossenses. Cristo. Natureza humana. Natureza divina.

ABSTRACT:

From the seventeenth century, with the rise of the cultural movement called the Enlightenment, Christian theology became the target of harsh criticism and scientific rigor. At this time, it begins a process of questioning around the person of Christ, who, even today, is considered as "the search for the Historical Jesus", this name served as the title work written by Albert Schweitzer, containing a critical study of that case. These facts led to a new theological thinking about Jesus of Nazareth. However, the irreplaceable foundation for the correct perception of their reality remains the apostolic teaching contained in the Bible. Obtain such knowledge is the goal of this exegetical research on the most exalted Christology of the New Testament: the Epistle to the Colossians.

Key words: Paul. Epistle to the Colossians. Christ. Human nature. Divine nature.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa, realizada em torno do texto da Epístola de Paulo aos Colossenses, tem por finalidade demonstrar que a Cristologia proclamada pelo apóstolo Paulo é a mesma que, quase três séculos depois, no concílio de Nicéia, foi solenemente declarada como ortodoxa, ou seja, como sendo a formulação correta da fé a respeito da pessoa de Cristo. Esse Concílio foi celebrado com o objetivo de por fim à chamada “controvérsia ariana”, que dividia a Cristandade. Tal conflito fora desencadeado por Ário, presbítero de Alexandria, e consistia

¹Acadêmico do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade FAIFA. E-mail: zanone.oliveira.@trf1.jus.br.

em negar a plenitude da divindade de Cristo, exaltando-o apenas como a primeira e mais elevada criatura de Deus; conseqüentemente, estava sendo negada, também, sua eternidade, pois Ário e seus partidários afirmavam que, houve um tempo em que o Filho não existira. Dessa controvérsia, surgiu a declaração conhecida como *Credo Niceno*, que afirma a Divindade de Cristo: gerado, não-criado, consubstancial com o Pai. Estava, pois, formulada a fé da Igreja Católica no Ocidente e no Oriente, posteriormente aceita como bíblica, apostólica e, portanto, verdadeira, pelos reformadores protestantes e as denominações históricas às quais deram origem.

São vários os textos neotestamentários nos quais ressaltam a evidência da natureza divina de Cristo, mas, na Epístola em estudo, encontra-se a mais exaltada Cristologia do Novo Testamento. Eis, portanto, motivo suficiente para que essa epístola seja corretamente compreendida, por meio da exegese: estudo sistematizado, metucioso e profundo do texto; não só da língua em que foi originalmente escrito, mas de todo o contexto histórico e social no qual está inserido.

1. O CONTEXTO NO QUAL A EPÍSTOLA ESTÁ INSERIDA

A cidade de Colossos situava-se na Frígia, numa região que faz parte da Turquia moderna. Para que se possa compreender o teor da carta que Paulo endereça aos cristãos dessa cidade, faz-se necessário conhecer o contexto social no qual eles se encontravam e as influências às quais a comunidade cristã estava exposta naquele período.

Champlin (2001), em sua Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, assim escreve sobre a carta aos Colossenses:

Eprafas fora falar com Paulo, a fim de narrar-lhe as dificuldades da igreja de Colossos, além de descrever seu estado geral, o que incluía certos pontos encorajadores (ver Col. 1:4-8). Sem dúvida, foi ele quem informou o apóstolo sobre a penetração da heresia gnóstica nas fileiras cristãs daquela localidade. E foi principalmente para responder a esse problema que esta epístola aos Colossenses foi escrita.

[...]

O seu grande tema central é a pessoa de Cristo, o Cabeça do cosmos, o Mistério de Deus; ele é divino, mas é humano, pois efetuou autêntica expiação, mediante sua morte genuína. A grandeza de Cristo é retratada de forma gráfica na presente epístola aos Colossenses, mais do que em qualquer outro livro do N.T. Isso é assim porque Cristo, em sua pessoa e estatura espiritual, estava sendo atacado pelos gnósticos nas igrejas da Ásia Menor, interna e externamente; e, assim sendo, fazia-se mister forte defesa a fim de preservar a fé dos crentes (CHAMPLIN, 2001, p. 790 - 793).

O gnosticismo, referido por Champlin (2001) é um conjunto insólito de várias correntes de pensamento filosófico e místico, que, circulavam tanto fora, quanto dentro das comunidades cristãs. Visto como um todo, o gnosticismo pode ser considerado a heresia mais ameaçadora e mais temida pela Igreja ortodoxa durante todo o período patrístico, sendo que, no período apostólico, formas dele já haviam penetrado na Igreja Cristã, havendo referências no Novo Testamento à doutrina daqueles que afirmavam que Cristo, não se encarnara realmente, sendo sua humanidade apenas aparente. João, em sua primeira epístola, faz verdadeira apologia à doutrina da humanidade do Messias:

Queridos amigos, não confiem em qualquer espírito. Pelo contrário, testem os espíritos para ver se procedem de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que reconhece que Yeshua, o Messias, veio como um ser humano procede de Deus, e todo espírito que não reconhece Yeshua não procede de Deus – de fato, esse é o espírito do antimesias. Vocês ouviram que ele está vindo. Bem, ele está aqui agora, já está no mundo! (1 Yochanan 3:4).

O grupo que afirmava a vinda de Cristo em corpo, apenas aparentemente humano, passou a ser conhecido como “docetista” e tinha como principal expoente um judeu chamado Cerinto. Ao contrário dos ensinamentos da Igreja Apostólica, o grupo gnóstico de Cerinto observava as leis judaicas, utilizava o Evangelho dos Hebreus (apócrifo), negava que o Deus supremo fosse o criador do mundo físico e também a divindade de Jesus. Na interpretação desse grupo gnóstico judaizante, o espírito "Cristo" tomou posse de Jesus no momento do seu batismo, guiando-o em todo o seu ministério, mas retirando-se dele momentos antes de ser crucificado. De posse desses dados, o leitor pode entender os motivos pelos quais Paulo ministra ensinamentos abordando: o pleno conhecimento de Deus, as proibições legais, a liberdade em Cristo e, sobretudo, sua divindade e autoria da criação, bem como sua proeminência sobre todos os poderes.

Seja, então, levado em consideração o fato que segue: para que o leitor atual compreenda o que Paulo está afirmando a respeito do Senhor Jesus Cristo, é preciso transpor o distanciamento contextual que há entre esse leitor e os destinatários da Epístola. Analisando o contexto social em que várias correntes de pensamentos filosóficos circulavam livremente, onde cultos de mistério se mesclavam e exerciam sua influência também no meio cristão, fica claro que a mensagem que o autor se propôs a transmitir é uma resposta aos estímulos recebidos dessa determinada situação. Os

vocábulos utilizados, para formar idéias que apresentam nitidamente a natureza de Jesus de Nazaré, são aqueles que estavam em uso entre os eruditos, o povo, os cristãos, os fiéis à tradição apostólica e entre aqueles que, cuja formulação doutrinária fora contaminada por opiniões vindas de todo esse meio eclético. Dentro da Igreja de Colossos havia cristãos que se entregavam a divagações sem base em evidências, na revelação do Antigo Testamento ou no ensino apostólico.

2. O TEMA CENTRAL DA EPÍSTOLA: A NATUREZA DE JESUS CRISTO

Ao iniciar a epístola, o Apóstolo Paulo, mantém seu estilo: faz sua saudação invocando Deus Pai e o Senhor Jesus Cristo. Ao aplicar o vocábulo: “Senhor”, a Jesus, logo após mencionar o Pai, qual seria o sentido que ele o faz? O Novo Comentário Bíblico São Jerônimo faz esse mesmo questionamento:

O que significava o título *Kyrios* para Paulo? Ele era, em primeiro lugar, um modo de se referir ao status ressurreto de Jesus o Cristo. ‘Não sou apóstolo? Não vi Jesus nosso Senhor’ (1Cor 9,1). Assim exclamou Paulo ao relacionar sua reivindicação ao apostolado com sua visão do Cristo ressurreto. Em segundo lugar, o termo expressava para ele, como para os judeus cristãos antes dele, que este Cristo exaltado (Fl 2,9) era digno da mesma adoração que o próprio Iahweh, como sugere a alusão a Is 45,23 em Fl 12, 10. (...) embora em si *Kyrios* não signifique “Deus” ou afirme a divindade de Cristo, o fato de que Paulo (e os primeiros cristãos judeus antes dele) usou em relação ao Cristo ressurreto o título que os judeus palestineses tinham usado em relação a Iahweh o coloca no mesmo nível de Iahweh e sugere seu status transcendente. Ele é na realidade algo mais que humano (NCBSJ, 2011, p. 1603, 1604).

As referências de natureza ontológica ao Filho de Deus iniciam-se com cinco versículos do primeiro capítulo da Epístola:

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação, pois nele tudo foi criado, nos céus e na terra, o visível e o invisível, sejam tronos ou domínios, soberanias ou poderes. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existe antes de tudo e nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, ou seja, da Igreja. Ele é o inaugurador, o primogênito dentre os mortos, para ter o primeiro lugar em tudo, pois nele toda a Plenitude quis habitar e por meio dele reconciliar com ele tudo o que há na terra e nos céus, fazendo por ele a paz pelo sangue da sua cruz (Cl 1:15-20).

Em seu comentário sobre Colossenses, Hernandes Dias Lopes diz:

Jesus Cristo tem a mais alta honra na criação (1.15b). A expressão ‘primogênito da criação’ *prototokos*, não se refere à natureza temporal, ao tempo de nascimento; antes, é um título de honra. Significa que Jesus é o primeiro em importância. Carrega a idéia de prioridade, superioridade, preeminência e supremacia. A palavra enfatiza a preexistência e singularidade de Cristo, bem como a Sua superioridade sobre a criação (LOPES, 2008, p. 80).

O que esse autor deixa claro é que, aqui a palavra “primogênito” não tem o significado de primeira criatura, o primeiro de uma extensa linhagem, mas que é anterior e distinto, *recebendo a mais alta honra na criação*.

Stern (1992), mestre em Divindade pelo Seminário Teológico Fuller, nos Estados Unidos, onde foi professor de Judaísmo e Cristianismo, nascido de família judia, passou a crer em Jesus (*Yeshua*), como o Messias prometido nas Escrituras Sagradas, no ano de 1972. De acordo com sua tradução do Novo Testamento, intitulada “Novo Testamento Judaico”, esses cinco versículos em foco estão assim redigidos:

Ele é a imagem visível do Deus invisível. Ele é o supremo sobre toda a criação, porque em conexão com ele foram criadas todas as coisas – no céu e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, senhorios, governantes, ou autoridades; todos eles foram criados por meio dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e ele sustém conjuntamente todas as coisas.

Ele também é a cabeça do corpo, a congregação messiânica – ele é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para ter o primeiro lugar em tudo. Pois foi do agrado de Deus ter todo o seu ser vivo no Filho e, por meio dele reconciliar consigo todas as coisas, quer na terra quer no céu, estabelecendo a paz por meio dele, tendo o Filho derramado seu sangue ao ser executado em uma estaca (Cl 1:15-20).

Comentando esse texto, o referido tradutor diz o seguinte:

O supremo sobre toda a criação, do grego *protôtokos pasês ktiseôs*, de uma forma alternativa e mais literal: ‘primogênito de toda a criação’. Os versículos 16-17 citam três maneiras em que Deus é ‘supremo’ e as atribuem a *Yeshua*, o Messias. Essa é uma forma típica pela qual o Novo Testamento demonstra o aspecto divino da natureza de *Yeshua*, evitando ao mesmo tempo declarar diretamente que ‘*Yeshua* é Deus’.

Se a opção for por ‘primogênito de’ no lugar de ‘supremo sobre’, a frase ‘primogênito de toda a criação’ não significa que *Yeshua* foi o primeiro ser criado, porém se refere a sua filiação eterna. A primogenitura de *Yeshua* não somente antecede a criação do universo material como também é um elemento essencial e

eterno da natureza divina. Por toda a eternidade e durante todo o tempo, a Palavra de Deus, que se fez carne em Yeshua, o Messias (Yn 1:1,14) tem se relacionado como o Filho primogênito com o Pai, sendo essa uma parte fundamental da descrição do Deus único acerca de si mesmo. (STERN, 1992, p. 655).

Pois foi do agrado de Deus ter todo o seu ser (do grego *plêrôma*) **vivo no Filho.** (...) ‘Plêrôma’ era um termo técnico utilizado pelos gnósticos e pelos que os precederam para se referir à totalidade dos diversos ‘níveis’ espirituais e dos seres ou entidades que eles presumiam existir lá; ver Ef 1:23bN. Sha’ul utiliza o método de pegar uma característica específica da heresia que está combatendo e demonstrar como ela se relaciona com o evangelho e o apóia. Desse modo, ele segue o padrão que descreve em 2 Co 10:4-5: ‘Destruímos argumentos e toda arrogância que se levanta contra o conhecimento de Deus; levamos todo pensamento cativo e o tornamos obediente ao Messias’ (STERN, 1992, p. 655).

Tal comentário exegético é de grande importância, não só pelo seu teor, como por sua proveniência, pois a fonte não é outra senão um judeu erudito que reconhece em Jesus, o Messias prometido ao seu povo, e ainda mais: o compreende não como libertador e rei temporal, sacerdote levita ou profeta por excelência, mas como aquele cuja humanidade é o receptáculo do Deus único e sua manifestação.

A próxima declaração enfática sobre a natureza divina do Messias surge na Epístola em estudo assim: *οτι εν αυτω κατοικει παν το πληρωμα της θεοτητος σωματικως* (falta acentuação e iota subscrito no *της*), “pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”; ou de acordo com a tradução do mestre judeu messiânico aqui citado: “porque nele habita, corporalmente, a plenitude do que Deus é” (Cl 2:9), sendo seu comentário ao texto o seguinte:

Este versículo apresenta um desafio aos judeus não-messiânicos, que procuram reivindicar Yeshua para o judaísmo fazendo dele um grande mestre, um homem maravilhoso ou até mesmo um profeta, no entanto uma mera figura humana e nada mais. **Porque nele [...] corporalmente**, neste corpo humano, Yeshua, o Messias, o Filho de Deus **habita [...] a plenitude do que Deus é** (STERN, 1992, p. 657).

Ora, se em Cristo habita corporalmente a plenitude do que Deus é, conclui-se que a totalidade dos atributos de Deus, inclusive os comunicáveis lhe pertencem. Ou seja, aquelas qualidades que pertencem exclusivamente ao Altíssimo estão em Jesus Cristo; a plenitude da Divindade inclui sua onipotência, onipresença e onisciência.

Paulo coloca, ainda, em destaque três atribuições da pessoa de Jesus Cristo: Ele é a origem, o agente e o objetivo da criação: “*οτι εν αυτω εκτισθη τα παντα εν τοις ουρανοις και επι της γης τα ορατα και τα αορατα ειτε θρονοειτε κυριότητες ειτε αρχαι ειτε εξουσαι τα παντα δι αυτου και εις*

αυτον εκτισται,” ([...], pois nele tudo foi criado, nos céus e na terra, o visível e o invisível, sejam tronos ou domínios, soberanias ou poderes. Tudo foi criado por meio dele e para ele).

Fica, portanto, suficientemente embasada a natureza divina de Jesus de Nazaré, o Messias, detentor do processo de criação do universo, pois, só Deus é Criador; tudo o mais é criatura.

3. O RESULTADO PRÁTICO DA FÉ ORTODOXA NA VIDA DOS CRISTÃOS

Ao afirmar que em Cristo habita, corporalmente, a plenitude do que Deus é Paulo completa essa exposição dizendo “E, por sua união com ele, vocês foram plenificados – ele é a Cabeça de todo governo e autoridade” (Cl 2:10). Ora, isso quer dizer que, da plenitude divina de Cristo vem a participação na plenitude de Deus, conforme explica Champlin:

A seção prática desta epístola também se alicerça sobre a pessoa de Cristo, pois a vida piedosa, na realidade, consiste em participarmos de sua vida eterna e ressurrecta, uma vez que tenhamos morrido para o mundo (ver Col. 3:1-5). E todas as questões práticas e morais, bem como todas as questões de lealdade, têm solução em Cristo (CHAMPLIN, 2001, p. 794).

Qual a importância de se atribuir ou não o caráter divino ao homem Jesus de Nazaré? Qual a diferença prática, para a vida do crente, admitir como verdade que esse Jesus é a manifestação do Deus Absoluto que, a não ser por essa via, permanece imanifesto, habitando em luz inacessível? O autor da epístola aos Colossenses mantém a importância da identidade real de Cristo, com os atributos de Deus, ao longo de toda a carta, pois quando passa a se referir à liberdade adquirida pelos destinatários dessa missiva, à antiga e à nova vida dos crentes, quando exorta quanto à observância dos preceitos éticos e morais, tudo isso ele o faz em conexão com a inserção do cristão no Cristo, ou seja, em Deus. Não propõe aos cristãos que sejam meros alunos que praticam as lições recebidas do Mestre, mas que sejam veículos de uma realidade espiritual santificante na qual foram imersos por meio de um processo misterioso que só é de pleno conhecimento do próprio Deus.

4. A ATUALIDADE DA REVELAÇÃO NA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Com o advento do movimento cultural conhecido como Iluminismo, a fé cristã passou a ser questionada como jamais o fora. Cristo, tal qual a Igreja o apresentara até então, foi visto como revestido de mitos que não correspondiam à realidade de sua personalidade histórica; criou-se uma divisão: o Jesus Histórico e o Cristo da Fé, distintos um do outro. A partir daí, iniciou-se o processo conhecido como “A busca do Jesus Histórico”. Essa expressão serviu de título à obra publicada em 1911, pelo insigne missionário cristão Albert Schweitzer. Ele analisou a produção literária de vários autores que se davam ao trabalho de apresentar Jesus despido de mitos.

Seguiram-se ao Iluminismo, a Religião Natural e o Deísmo, bem como o método histórico-crítico de análise dos textos bíblicos e a teologia liberal; todos estes fiéis à concepção iluminista. Jesus de Nazaré, o judeu que historicamente existiu, passou a ser totalmente distinto do Cristo proclamado pelo Novo Testamento redigido em meio às comunidades cristãs primitivas; este foi denominado “o Cristo da fé” e considerado, portanto, fictício.

Contrariamente ao que propunham, é espantosa a contradição a que se entregaram os escritores das “vidas de Jesus”, nas quais eram apresentadas tentativas de resgate do “Jesus Histórico”. Tanto que o capítulo IV da obra de Schweitzer ostenta o título: “As Primeiras Vidas Fictícias de Jesus”. Nele, o autor expõe como tais escritores davam asas à própria imaginação, elaborando fatos e situações para explicar aquilo que consideravam fantástico, maravilhoso e, portanto, irreal, nas narrativas evangélicas. Albert Schweitzer disserta sobre esses pseudo-historiadores:

Assim, foram as ‘Vidas’ fictícias de Bahrtd e Venturini que, no fim do século XVIII e início do XIX, primeiro tentaram aplicar, com consistência lógica, uma interpretação não sobrenatural às histórias dos milagres do Evangelho. E mais, estes escritores foram os primeiros que, em vez de contentarem-se com a simples reprodução das sucessivas seções da narrativa do Evangelho, ousaram alcançar as conexões íntimas de causa e efeito nos eventos e experiências da vida de Jesus. Como eles não encontraram tal conexão indicada nos Evangelhos, tiveram que provê-la por si mesmos. A forma particular que suas explicações tomam – a hipótese de uma sociedade secreta da qual Jesus é a ferramenta – é, é verdade, um triste improviso. Mas, em certo sentido, estas Vidas de Jesus, por toda sua tintura de ficção, são as primeiras a merecer o nome. Os racionalistas, e mesmo Paulus, limitam-se a descrever o ensinamento de Jesus, Bahrtd e Venturini fazem a audaz tentativa de criar um retrato do próprio Jesus. Não é uma surpresa que seu retrato seja ao mesmo tempo rude e fantástico, como as primeiras tentativas da arte de representar a figura humana em movimento vivo (SCHWEITZER, 1911, p. 55-56).

5. E MAIS UMA VEZ, TENTOU-SE NEGAR A DIVINDIDADE DE CRISTO...

A proposição do falso gnosticismo que apresenta Jesus como um dos *eons*, seres divinos portadores de salvação para a humanidade, continua sendo propagada na atualidade. Como exemplo, pode-se citar as exposições feitas, sobre a pessoa de Jesus Cristo, pela Sociedade Teosófica fundada no século XIX por Helena Petrovna Blavatsky, bem como pelas demais fraternidades que posteriormente dela se derivaram. De acordo com essas formas de gnosticismo contemporâneo, Jesus não é o Mestre, mas um dos mestres que dirigem a evolução da humanidade, tendo exercido essa função durante a Era de Peixes, que abrange o período dos últimos dois mil anos aproximadamente; conseqüentemente, seu mandato está findo, e passa a ser ocupado por um novo mestre que o exercerá durante o período seguinte: a era de Aquário. É, portanto, óbvio que o tema principal da Epístola de São Paulo aos Colossenses é tão imprescindível à atual Igreja de Cristo presente no mundo inteiro, quanto o fora à comunidade à qual originalmente se destinara.

Assim como as heresias sutilmente se mesclavam com a ortodoxia na Igreja Primitiva e requeriam a intervenção dos apóstolos, apresentam-se hoje, no seio das igrejas, não somente de forma sutil, mas ostensiva. Um dos principais porta-vozes do chamado cristianismo liberal, John Shelby Spong, é nada menos que bispo anglicano, tendo exercido seu episcopado durante vinte e quatro anos. Em seu livro, “Um Novo Cristianismo para um Novo Mundo” os fundamentos da fé cristã, são negados: a divindade de Cristo, seu nascimento virginal, os milagres por ele operados, sua ressurreição. No livro “Nossa Fé – Estudos nos Cremos Apostólicos e Niceno”, publicado pelo Centro de Estudos Anglicanos, há claros vestígios de que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil abriga tais idéias e tendências liberais. Sobre a concepção de Jesus que está dito nessa obra: “as circunstâncias que envolveram a gravidez de Maria permanecem (por deliberada intenção ou por falta de maiores informações) envoltas em um grande mistério” (CALVANI, 2009); e ainda: “O que o relato do nascimento virginal quer destacar é que Jesus tem sua origem em Deus, não importando os caminhos biológicos”.

A ciência e tecnologia contemporâneas não se deixam limitar pela palavra “impossível”, pois aquilo que era considerado como tal, ontem, já não o é hoje. O que o é hoje, deixará de sê-lo amanhã! Mas, não é assim que teólogos embriagados de pseudociência e academicismo especulativo abordam o conhecimento sobre Deus, pois, este, já é previamente considerado, por

aqueles, limitado às leis biológicas conhecidas e ao que é ordinário na vida da humanidade, desde seus primórdios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas informações literárias sobre a existência de um gnosticismo equivocado e dividido em várias seitas que adotavam posturas morais variadas que iam desde a licenciosidade epicurista ao rigorismo estóico. Não obstante, essas perversões se devem admitir que a moeda falsa só existe, em função do valor da moeda verdadeira. No decorrer da história do Cristianismo, idéias gnósticas equivocadas sempre surgiram e, às vezes se fizeram representar por grupos que se sobressaíram. Ao mesmo tempo, a Igreja Cristã sempre contou com apologistas imbuídos do conhecimento genuíno e de uma espiritualidade saudável. Assim, há uma gnose verdadeira, vinda de Deus, conforme demonstravam Clemente de Alexandria e seu discípulo Orígenes, exímios mestres nas Escrituras, confessores e mártires da fé cristã. O próprio Jesus, dirigindo-se a seu Pai, afirma: “E a vida eterna é esta: que te *conheçam*, o único Deus verdadeiro, e a quem enviaste, Yeshua, o Messias.” (Yo 17:18); este é, portanto o verdadeiro e principal conhecimento *gnosis*, tornado mais acessível mediante o entendimento correto da epístola de Paulo aos Colossenses.

REFERÊNCIAS

BROWN, Raymond E.; FITZMEYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda.; Paulus Editora, 2011.

CALVANI, Eduardo B.; PRADO, Luiz Osório Pires. *Nossa fé: estudos nos Credos Apostólico e Niceno*. Porto Alegre: CEA, 2009.

GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odair. *Novo Testamento Interlinear Analítico*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. *Colossenses: a suprema grandeza de Cristo, o cabeça da Igreja*. São Paulo: Hagnos, 2008.

NOVO TESTAMENTO JUDAICO. *Tradução de David Stern*. São Paulo: Editora Vida, 2007.

SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003.

SPONG, John Shelby. *Um novo Cristianismo para um novo mundo*. São Paulo: Versus Editora, 2001.